Muuss, Rolf E., *Teorias de la Adolescencia*, Editorial Paidos, 1966, 225 págs.

A bibliografia sôbre a psicologia da adolescência não está encerrada. Ao contrário, aumenta sempre, demonstrando o interêsse e a inquietação que vai pelo mundo, em relação aos jovens.

Certamente, o "problema da juventude" sempre existiu, mas hoje parece agravado. Essa incessante bibliografia é a evidência, ou, pelo menos, o sintoma de tal preocupação.

O presente livro é a ampliação da tese de doutoramento que Rolf Muuss apresentou ao encerrar seu curso na Universidade de Illinois, em 1957.

Trata-se de livro valioso, que se recomenda aos psicólogos em geral e mormente aos que orientem e ensinem.

O livro é uma reunião de várias teorias sôbre a adolescência, que o autor apresenta com inteligente sistematização, tornando a leitura agradável e proveitosa. Não é uma simples compilação, mas relato comentado com observações originais.

A primeira contribuição apresentada é a "Teoria biogenética" de Stanley Hall, considerado por muitos como pai da "psicologia da adolescência"; foi o primeiro psicólogo "a estabelecer uma psicologia da adolescência como fato em si, utilizando métodos científicos para êsse estudo. Pode dizer-se que estendeu uma ponte entre a

proposição filosófica e especulativa do passado, e a científica e empírica, do presente". Hall tomou o conceito darwiniano da evolução biológica e o elaborou como teoria psicológica da "recapitulação abreviada".

No segundo capítulo, vem a teoria psicoanalítica do desenvolvimento adolescente, no qual Muuss se estende em considerações formuladas por Freud, fala nos estudos de Kinsey e nos de Anna Freud, na doutrinação de Otto Rank; mas é na teoria do estabelecimento da "identidade do ego" de Erik Erikson, que o autor mais se demora; refere-se aos oito estágios dêsse estudioso admitindo que a adolescência seja o período no qual deve estabelecer-se uma identidade positiva, dominante do ego. Erikson sustenta que o estudo da "identidade" chegou a ser tão importante, como o da "sexualidade" nos tempos de Freud. Lembra como nesse período os adolescentes se "superidentificam" muitas vêzes com heróis do palco, dirigentes de grupos, campeões de esporte, etc., costumando fazê-lo até o ponto de perderem tôda a identidade aparente com seu próprio ego.

O livro também alcança ponto elevado no capítulo intitulado "Antropologia cultural e adolescência", em que o Autor se reporta, e de modo muito feliz, às concepções, antiga e mais recentes como as de Margaret Mead. Chama a atenção inclusive para o fato de essa autora, nos últimos ensaios, ter reconhecido à herança biogenética posição dominante no desenvolvimento humano.

Passa em seguida à "teoria de campo", dando sensível relêvo à obra de Kurt Lewin e à sua opinião de que a adolescência é um período de transição, em que o adolescente muda de grupo: "o adolescente se encontra em um estado de "locomoção social", e os campos social e psicológico em que se move não estão estruturados. O indivíduo "ainda não possui clara compreensão nem de seu *status* nem de suas obrigações sociais, donde a insegurança que se reflete em sua conduta".

Outra teoria exposta é a da Psicologia social, quando o Autor se expande no conceito de "ansiedade socializada" da adolescência, de Allison Davis, e nas "tarefas evolutivas", segundo o critério de Robert Havighurst.

A teoria de Arnold Gesell surge na seqüência de estudos, que se encerram com que o Autor chama as teorias centro-européias das

etapas evolutivas da adolescência. Aí trata das idéias de Jaensch e Kretschmer, Oswaldo Kroh, Wilfried Zeller e a teoria da estratificação da personalidade, segundo Heinz Remplein.

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA